

## PRA QUE DISCUTIR COM *MADAME*?

ANTONIO CARLOS MARIANO<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo é um ensaio elaborado a partir do samba “Pra que discutir com Madame”, de Janet de Almeida e Haroldo Barbosa. Foi nossa primeira experiência de acercamento do texto-canção, como campo de reflexão sobre as representações dos subúrbios, dentro do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, em nosso projeto “Subúrbios: da Gente humilde aos caminhos de Ogum e Inhansã - narrativas sobre o meu lugar”. O ensaio em questão atendeu à disciplina Espaço, Discurso e Ideologia, ministrada pelo professor Marcelo Neder, no segundo semestre de 2019. Tomamos aqui a atitude interpretativa de “olhar” para a canção - o samba em questão - como campo, como corpo, verbo “emancipado do papel”, campo-corpo-palavra “alforriada”, palavra-alada, en-cantada, mobilizadora de múltiplos afetos, consonâncias e dissonâncias cordiais, a serem Cartografadas, também, Hermenêutica e Semioticamente; compreendidos aqui como “o empenho de “ler”, na medida que nela convergem instâncias da vida social (SODRÉ, 1998, p.10). Assumimos, portanto, a perspectiva de uma leitura com múltiplas camadas enunciativas, tomadas a partir dos “personagens” evocados pelos autores – Madame, O samba, “ninguém”, “a raça”etc... intercomunicantes, implicantes. O que um samba gravado pela primeira vez em 1945, teria a nos informar sobre Espaço, Discurso e Ideologia, em pleno sec. XXI? Essa é a primeira questão que nos assalta. De que Espaço, ou Espaços, nos falaria a obra supra citada? De que “lugar”, ou lugares, se articulariam as vozes, que vão tecendo e, eventualmente, emaranhando esses discursos? O território lúdico da canção estaria impregnado da livre e pura fruição artística, ou estaria substancialmente saturado das tensões e disputas, “territorializadas”, negligenciadas nas narrativas oficiais?

Palavras-chave: Samba. Racismo. Espaço. Discurso. Ideologia.

---

<sup>1</sup>Universidade Federal Fluminense – Instituto de Artes e Comunicação Social. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades. Email: antoniocarlosmariano@id.uff.br.

## INTRODUÇÃO

O que um samba de Janet de Almeida e Haroldo Barbosa, gravado pela primeira vez em 1945 pela Continental Discos pelo Regional de Benedicto Lacerda, teria a nos informar sobre Espaço, Discurso e Ideologia? Essa é a primeira questão que nos assalta. De que Espaço, ou Espaços, nos falaria a obra supra citada? De que “lugar”, ou lugares, se articulariam as vozes, que vão tecendo e, eventualmente, emaranhando esses discursos? O território lúdico da canção estaria impregnado da livre e pura fruição artística, ou estaria substancialmente saturado das tensões e disputas, “territorializadas”, negligenciadas nas narrativas oficiais?

Tomamos aqui a atitude interpretativa de “olhar” para a canção - o samba em questão -, como *campo*, como corpo, verbo “emancipado do papel”, campo-corpo-palavra “alforriada”, palavra-alada, *en-cantada*, mobilizadora de múltiplos afetos, consonâncias e dissonâncias cordiais, a serem Cartografadas, também, Hermenêutica e Semioticamente, compreendidos aqui como “o empenho de “ler”, na medida que ele se produz em várias instâncias da vida social (SODRÉ, 1998, p.10). Assumimos portanto a perspectiva de uma leitura com múltiplas camadas enunciativas, tomadas a partir dos “personagens” evocados pelos autores – *Madame*, O samba, “ninguém”, “a raça” etc., intercomunicantes, implicantes.

“Pra que discutir com *Madame*”, recebeu ainda uma outra gravação que a atualizaria, reintroduziria dentro de uma faixa de público dinamizado pela Indústria Cultura, ou como prefere o poeta e ensaísta alemão Hans Magnus Enzenberger, *Indústria da Consciência* (2003, p.11), com a denominação genérica de MPB, entre os idos de 1986. A gravação em questão seria notabilizada pelo baiano João Gilberto, um dos ícones, de uma tendência do mercado fonográfico, dentro do grande “guarda-chuva” genérico da MPB, que ficou conhecida como Bossa Nova ainda nos anos 60/70. Dentro de nossa linha interpretativa/argumentativa, a intenção é observar a ocorrência dessa regravação e outras, que viriam posteriormente, como reincidência enunciativa, como fenômeno replicado no tempo.

A pergunta, implícita no título desse samba, soa e ressoa. As regravações são como o eco de uma indagação que permanece suspensa, é atual, a arguição - ou auto-arguição -, do autor; não nos soa ultrapassada, pelo contrário - mais do que nunca -, enquanto corpo-alado *en-cantado* preserva sua atualidade. Foi regravada ainda por Diogo Nogueira e

incluída na telenovela *Insensato Coração* da Rede Globo de Televisão (2011). “Pra que discutir com *Madame*”? Pra que nos fala de propósito, função.

Para nós, a audição, o mais feminino dos sentidos, atravessa toda essa investigação; o *documento-alado*, aqui ressoa como memória, fluxo vivo “da boca aos ouvidos”; paradoxalmente veio pousar aqui no papel. Num certo sentido, estamos apontando para uma perspectiva de tradução tal qual nos apresenta Kastrup e Passos: “traduzir significa dizer o mesmo, dizendo outra coisa”(2013).

## PRA QUE DISCUTIR COM MADAME?

Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a palavra *Madame* é de origem francesa, hoje aportuguesada, encontramos as seguintes definições: Senhora, dama; Dona-de-casa, patroa; Mulher, esposa; meretriz. No Dicionário Informal<sup>2</sup>: senhora, cafetina, dona, madama, dama. No cotidiano, no senso comum, encontramos vocábulos que associam a “madame” à noção de uma mulher “fresca”, “dondoca”, “chique” e outros adjetivos que sugerem superioridade, distanciamento das “coisas do povo”.

Tudo nos faz referência à uma perspectiva etnocentrada, figura recatada e do lar, embora o vocábulo admita também o seu reverso. Sem recorrermos a qualquer recurso de predição do futuro, afirmamos que *madame* é uma mulher branca e que, ainda que não seja de fato francesa, estaria investida dos valores que lhe garante um “lugar” de autoridade. Ao comentar um diálogo<sup>3</sup> entre os personagens Alice e Humpty Dumpty do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, Carmichael<sup>4</sup>, nos parece bastante esclarecedor: “Os que podem definir são os amos, e a sociedade ocidental branca tem podido definir, e por isso é o amo” (2016, p.19).

***Madame diz que a raça não melhora  
Que a vida piora ...***

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/madame/](http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/madame/)>.

<sup>3</sup>“- Quando uso uma palavra – disse Humpty Dumpty, num tom bastante desdenhoso – ela significa exatamente o que quero dizer. Nem mais nem menos.

- O problema – disse Alice – é que você pode fazer com que as palavras signifiquem tantas coisas diferentes.

- O problema – disse Humpty Dumpty – é quem será o amo. Isso é tudo.”

<sup>4</sup>O Partido Panteras Negras (Black Panther Party ou PBP) foi uma organização de estudantes negros estadunidenses de combate ao racismo no contexto de lutas pelos direitos civis. Stokely Carmichael destacou-se no Partido, e seu pensamento político baseou-se nas reflexões de Martin Luther King Jr. e de Franz Fanon.

O “amo” tem o *poder*. Para Stuart Hall (2016, p.193), a ideia de poder deve ser entendida não somente em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais, incluindo representar alguém ou alguma coisa de determinada maneira; trata-se de exercício de violência simbólica. *Madame*, essa voz-amo hegemônica, que tem o poder de “marcar”, “atribuir”, “classificar” e “excluir”, pertence ao mesmo campo de ideologia racista que no século XVI, durante a escravidão nas Américas, se configurava através da religião e da moral, e, no século XIX buscava reivindicar uma perspectiva racional e científica para justificar a inferioridade dos não europeus (DAMASCENO, 2008).

A dinâmica do jogo de reprodução discursivo ideológica, acima assinalada, é reforçada pela percepção de Cerqueira Filho: “ideologias religiosas de perfeição transformam-se, pela secularização, em *ideologias seculares de perfeição*, e as mesmas noções, *ideologia de perfectibilidade*, seguem a influenciar práticas econômicas, políticas e simbólicas”(2005, p.110, grifos nossos).

Damasceno relata ainda que o termo raça foi protocolado na ciência moderna, no início do século XIX, por *Georges Cuvier*, ele foi “preceptor” de Sarah Baartman<sup>5</sup>, a jovem mulher sul-africana, que passaria a ser conhecida como Vênus Hotentote. Foi pelo corpo de Sarah que nasceu o conceito moderno de raça (2008). “Quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco” (DJAMILA, 2017, p.24).

***Madame diz o que samba tem pecado  
Que o samba, coitado, devia acabar...***

*Madame* é simbolicamente a representação da ideia de hegemonia essa “forma de poder baseada na liderança de um grupo em muitos campos de atividade de uma só vez, para que sua ascendência obrigue o consentimento geral [...] pareça natural e inevitável”(HALL, /2016, p.193). Essa personagem espectral, tanto quanto a figura do

---

<sup>5</sup>Khoi-san nasceu na África do Sul, ironicamente, em 1789 ano da Revolução Francesa com seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Sarah ou Saartjie era exibida publicamente em freak shows e “espetáculos científicos” europeus. Sara foi levada para Londres pelo cirurgião inglês Willian Dunlop onde iniciou uma série de exibições circenses. E em 1814 foi vendida a um exibidor de animais francês; mudou-se para Paris onde residiu por um ano até morrer, em 1815. Sarah foi dissecada por Cuvier e teve sua genitália, esqueleto e o molde do seu corpo expostos publicamente no Museu do Homem de Paris até 1985. Os despojos de Sarah Baartman foram restituídos à Africa do Sul em 2002 onde pode, por fim, ser velada e enterrada na Cidade do Cabo.

“doutor” - ausente nesse samba -, é uma ferramenta das forças de “interdição” e “exclusão”, árbitros da pertinência, da ordenação do discurso; daquilo que pode, ou não, ser dito, quando, onde, e por quem (FOUCAULT, 2014, p.9).

Pra que discutir com *Madame*?

## POR CAUSA DO SAMBA...

Cuidaremos agora de delinear, sinalizar, topografar as camadas que se anunciam, se velam, e se revelam no vocábulo enunciado no texto-canção, articulado na forma-samba<sup>6</sup> (que possui múltiplas formas) – conduzidas pelo ritmo -, e que se manifesta através da criação de *sujeitos ocultados*, autores que, assim como os “médiums”, como o nome já define, são meio, passagem para algo, uma entidade, identidades que “dão o seu recado” através de “uma boca que fala”; metamórfico e insurgente samba. Eis um dos seus Mistérios...

Dentro desse processo de disputas simbólicas e construção de narrativas hegemônicas, compreendemos que o Samba, desempenha um papel fundamental, não por acaso, já foi tomado como símbolo maior do processo do êxito na construção de uma suposta democracia racial(sic) no Brasil. Não pretendemos, aqui, adentrar nas questões que dizem respeito à maior ou menor originalidade do samba; onde teria nascido; não estamos tratando de uma questão de “tradição”, trata-se de desvelar um certo sentido, o direito à memória coletiva afro-brasileira para além das questões demarcadas pela Indústria Cultural.

As abordagens acadêmicas para os fenômenos culturais a oriundas das classes subalternas se apoiam sempre em uma dessas posições que, como todo empreendimento científico, se esforçam para aperfeiçoar a sua racionalidade positiva, separando cada vez mais sujeito e objeto do conhecimento[...] Trata-se de uma leitura conduzida pelo próprio objeto[...] um aspecto da cultura negra – *continuum* africano no Brasil e modo brasileiro de *resistência* cultural [...] pretendemos rejeitar os discursos que dispõem a explicar [...] o samba como simples matéria-

---

<sup>6</sup>Encontramos no Dicionário da História Social do Samba (LOPES E SIMAS, 2015): Samba de morro, Partido-alto, Samba-canção, Samba rural paulista, Samba batido, Samba duro, Samba de roda, Samba chulado, Samba de breque, Samba de caboclo, Sambe de chave, Samba de enredo, Samba sincopado, Samba de gafieira, Samba de raiz, Samba de terreiro, Samba de quadra, Samba-Jazz, Samba-choro, Sambalada, Sambalango, Samba-Exaltação, Samba-Reggae, Samba-Rock, Samba-Soul, Sambangola; para citarmos apenas alguns dos vocábulos, cada qual com suas imbricações, seus contextos políticos, históricos e culturais.

prima para uma amálgama cultural realizada de cima para baixo.  
(SODRÉ, 1998, p. 9-10)

Portanto não se trata de negar as hibridizações, interpolações, negociações de pertinência; o samba, de toda a vasta gama de manifestações das Culturas de Matriz Africana, certamente é a representação de maior potência. Em que pese o brutal processo expropriação cultural, violento sequestro simbólico, dentro do contexto da indústria cultural que, por seu turno, pretendeu a desafricanização dessas manifestações, visando ao simples e utilitário consumo no âmbito da Indústria Cultural, e o embranquecimento como política de representação.

***Madame diz que o samba tem cachaça  
Mistura de raça, mistura de cor  
Madame diz que o samba democratiza  
É música barata sem nenhum valor***

Ora, o samba, que Madame abomina, encarna esse “Outro” indesejável; é manifestação inquestionável do multiverso afro-brasileiro possui uma “*personalidade africana* perfeitamente definida” (LOPES, 1988, p. 126). Conforme afirma: “Conhecendo a estrutura filosófica do pensamento banto<sup>7</sup>, [...] se alguma notável diferença houvesse entre suas concepções e as dos povos sudaneses<sup>8</sup>[...], ela residiria na importância que os povos bantos atribuem à ancestralidade” (LOPES, 1988, p. 127).

Ao elaborarmos os contornos dessa personalidade africana estamos a apontar para um sentido de unidade filosófica. Se ela existe, no que consistiria? Estaria presente entre nós? Segundo Bâ (2010, p. 186):

Deve-se ter em mente que, de maneira geral, todas as tradições africanas postulam uma *visão religiosa do mundo*. O universo visível é concebido e sentido como o sinal, a concretização ou o envoltório de um universo invisível e vivo, constituído de forças em perpétuo movimento. No interior dessa vasta unidade cósmica, tudo se liga, tudo é solidário, e o comportamento do homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo que o cerca (mundo mineral, vegetal, animal e a sociedade

---

<sup>7</sup>Bantos: Grupamento linguístico do conjunto de povos localizados principalmente na região do centro-sudeste do continente africano. Indivíduos dessa origem, em especial os embarcados nos portos de Cambinda, Luanda e Benguela, representaram cerca de dois terços dos enviados para as Américas como escravos entre os séculos XV e XIX (LOPES, 1988; LOPES, SIMAS, 2015).

<sup>8</sup>Sudaneses: Identidade linguística do conjunto de povos – muitos islamizados - oriundos, principalmente da África do Norte e Ocidental. De onde também vieram escravos entre os séculos XV e XIX; Senegal, Gabão, São Tomé, Benin, Nigéria, Guiné, Costa do Marfim (LOPES, 1988).

humana) será objeto de uma regulamentação ritual muito precisa cuja forma pode variar segundo as etnias ou regiões. (BÂ, 2010, p. 186)

O relato de Bâ (2010) delimita uma antropologia, uma visão integral, contemporaneamente se diria holística, do africano tradicional onde não se identifica a separação entre o sagrado e o profano; observa-se a sacralização da vida. Não se vive ao acaso. E prossegue: “sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, [...] seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. [...]no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma” (BÂ, 2010, p. 185).

Portanto, respeitados os traços característicos de cada etnia aportada no Brasil, apontasse para o quadro de uma herança simbólica, imaterial, comum a “bantos e sudaneses<sup>9</sup>”; em que a tradição, o fazer, a oralidade - a transmissão de boca a ouvido - e a sacralidade desse processo, são a marca assinalada no corpo-alma afro-brasileira. É do coração dessa herança comum que contemplamos os mistérios do Samba. Segundo Lopes e Simas (2015, p.247), “o vocábulo é corrente na língua portuguesa desde, pelo menos, o século XIX; aparecendo sempre como dança popular; bailado popular; dança de negros; dança de roda; semelhante ao batuque com eventual presença de umbigada; dança de salão aos pares”.

Ao atentarmos as possíveis raízes etimológicas da palavra Samba, ainda segundo Lopes e Simas (2015): “o vocábulo é certamente de origem banto-africana e que na língua *Cokwe*, do povo *Quioco*, de Angola, trata-se de um verbo, *samba*; no sentido de ‘cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito’” (Barbosa, *apud*, LOPES E SIMAS, 2015, p. 247). Segundo as hipóteses levantadas por Lopes e Simas (2015), quanto ao vocábulo “samba”:

Seria o verbo quimbundo *semba*, na acepção de “rejeitar”, “separar”[...], em referência ao movimento físico produzido na umbigada, que é a característica principal das danças povos bantos, na África e nas Américas. Convém, entretanto, considerar também, na mesma língua, outra acepção do verbo *semba*, que é a de “galantear, agradar, encantar”, correspondente, no quicongo, a um verbo homógrafo e homófono, traduzido como “reverenciar, honrar”etc. Veja-se, aí, que na dança angolana que se conhece como “*semba*”, a mesura que o cavalheiro tradicionalmente faz diante da dama é, sem dúvida um gesto de galanteio[...]Então o étimo preferível pode ser o verbo quimbundo: *semba*, agradar, encantar [...]Acrescentemos que o termo “samba” foi, no passado, usado, ainda na região do rio da Prata, nas formas *samba* e *semba*, para designar o candombe, dança popular local, cujo nome,

---

<sup>9</sup>Bantos e Sudaneses: povos que, dispersos pelas Américas e Brasil, serão os formadores dos candomblés Angola-Congo, e Fon-Yorubá (*NkosiMabala*, em depoimento ao autor; 2016).

também ocorre no Brasil, tem a origem etimológica do vocábulo “candomblé”[...] (LOPES E SIMAS, 2015, p. 247-248).

Entende-se assim que as comunidades de terreiros, foram – e talvez ainda sejam – a porta que o negro utilizou para *africanizar* o Brasil; reconfigurar seu sentido de identidade, reinventar sua relação como a totalidade da existência. Seria legítimo inferir que o samba seria, ao menos em parte, fruto de uma **exoterização** do Culto. Como se viu, tradicionalmente a experiência de participar do equilíbrio dinâmico da vida como estado de existência: celebrar a vida. Ainda que a experiência diaspórica seja radical e irreversível, cabe-nos o inventário desse inacabável mosaico; a arqueologia dos nossos afetos.

*Vamos acabar com o samba  
Madame não gosta que ninguém sambe  
Vive dizendo que samba é vexame  
Pra quê discutir com madame?*

Tanto para o samba quanto para o jazz a síncopa, o deslocamento do tempo forte, é elemento evocativo do corpo, “incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal – palmas, meneios, balanços, dança [...] completar a ausência do tempo com a dinâmica do movimento no espaço” (SODRÉ, 1998, p.11). Mas como “acabar” com o samba, o funk, o jazz, Madame? Como reduzir o sujeito negro a “ninguém”?

De Jesus (2014, p. 14) nos fala de uma Política Pública, através do ordenamento jurídico, de perseguição, marginalização e morte, tanto simbólica quanto física; estratégia de criminalização da pobreza: “O código Penal de 1890 criminalizava uma série de práticas da cultura negra no país, proibindo não apenas a capoeira, em seu ‘Cap. XIII- Dos Vadios e Capoeiras’ (sic), mas também ‘praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios’... sob pena de prisão e multa (art. 157)”. E prossegue:

O caráter discriminatório e racista por trás destes movimentos legislativos fica flagrantemente expresso com a criação, em 1931, da Inspetoria de Entorpecentes e Mistificações, uma espécie de delegacia especializada na repressão das vertentes religiosas de matriz africana (notadamente o candomblé)[...] Para a consciência contemporânea e humanista, chega a ser repulsivo que em 1.888 o Estado brasileiro tenha “libertado” os escravos e que, logo depois, em 1.890, tenha editado um código penal que punia a “vadiagem” (art.399 - Deixar de exercer profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistência e domicilio certo em que habite...), o que hoje chamaríamos tão somente de desemprego[...] (DE JESUS, 2014, p.14).

***Vamos acabar com o samba, Madame não gosta que ninguém sambe...***

O corpo que dança é o corpo que se sabe livro, dos sentidos, radicalmente sensual. Essa voz, essa fala espectral, essa forma-pensamento, *Madame-Doutor*, é reflexo do caráter estrutural das práticas racistas e genocidas que o Estado brasileiro, ainda hoje insiste em praticar. Ao tomarmos contato com os apontamentos da Missão do Governo do Brasil no Congresso Universal das Raças, reunido em Londres entre 26 e 29 de Julho de 1911, capitaneada por João Baptista de Lacerda<sup>10</sup>, não deixa dúvida quanto ao que se pretendia – pretende? - com relação à pretos, mestiços e indígenas no Brasil:

Quão diverso o problema do negro no Brasil e nos Estados Unidos da América. Nesse paiz<sup>11</sup> a população de cor aumenta em proporções muito sensíveis (2 milhões em 20 annos), enquanto no Brasil e negro tende a desaparecer dentro de um seculo"[...]O indígena semi-civilizado não se cruza com a população branca, e mui difficilmente se adapta elle ás condições do meio civilisado. Quanto mais se diffundir a civilização no paiz, tanto mais intensa será a redução da raça indígena, a qual, estou certo, desaparecerá com os negros daqui a um século. (1911, p.98)

Portanto é na desarticulação e desmonte da *cidade negra, cidade quilombada*(NEDER, 1997) que “o samba brasileiro democrata” segue driblando, seduzindo, encantando, pois se o Estado, o ordenamento jurídico, e seus mecanismos cuidam de marcar a ferro e a fogo a exclusão, a cotidiana guerra de extermínio da população negra, mestiça, indígena, LGBT’s, os Candomblés, Umbandas, rodas de samba, Afoxés, Capoeiras e outras manifestações do multiverso afro-indígena-brasileiro, vão sedimentando as pontes do possível, tecendo nas margens outros códigos de pertencimento.

***No carnaval que vem também concorro  
Meu bloco de morro vai cantar ópera  
E na Avenida, entre mil apertos  
Vocês vão ver gente cantando concerto  
Madame tem um parafuso a menos  
Só fala veneno, meu Deus, que horror  
O samba brasileiro democrata  
Brasileiro na batata é que tem valor***

---

<sup>10</sup>Dr. João Baptista de Lacerda era Diretor do Museu Nacional; Delegado do Brasil no Congresso Universal das Raças, em Londres.

<sup>11</sup>Optamos por manter a grafia original encontrada no texto acima referido. Originalis: UFRJ Museu Nacional biblioteca. N.1963 – Data 11-4-1977: N° S. 542 394: N° A. 544 245.

Sim; fazemos festa, tomamos birita, carnavalizamos o cotidiano, conversamos com *Encantados* para sondar o futuro, tocamos nossos limites, reinventar o mundo, para corroer a crosta das impossibilidades. Sim; é desse “lugar estranho”, oficioso, zona fronteira, horizonte de eventos é que se plasma a tarefa de “Traduzir o que não existe ainda, para dar-lhe uma chance de existir”(KASTRUP, PASSOS, 2013). Sim; é nesse território mítico-encantado que, simbolicamente, ecoa o samba; promove deslocamentos, estranhamentos, encontros “improváveis”; Hibridismo, sincretismo, mestiçagem, fusão<sup>12</sup> (CANCLINI, 1997, p.20).

#### POR FIM: DISCUTIR COM MADAME...

Sim; afirmamos, é urgente, necessário, imprescindível, “discutir com Madame”. Depois de séculos norteados pela hegemonia branca, eurocêntrica, colonialista. É urgente ouvir e aprofundar a feminina escuta; epistemologicamente, *Sulear* o nosso olhar, nosso sentir, nosso viver. Repaginar, reconfigurar, ressignificar a história; apropriar-se da potência que emana dessas formas que abraçam e “sambeiam”, recompõe a Frátria (Caetano Veloso – Língua – Disco Vêlo - 1984).

Madame já se mestiçou, e não sabe. “Somos um povo que salta no escuro, somos o povo no colo dos deuses. Na nossa própria carne, a (r)evolução resolve o choque de culturas. Enlouquece-nos[...]mas, se o centro se mantém, teremos feito algum tipo de avanço evolutivo (ANZALDÚA, 2005). Embora Madame ainda transpire seus hálitos de morte, avançamos e, hoje discutimos; desafiamos e vamos dissolvendo, a nossa maneira, as Miragens da História; vamos, seguimos desvelando as Histórias pra ninar gente grande<sup>13</sup>.

Sim; é através dessa Entidade polimórfica – O Samba – que Muniz Sodré (1998) evoca como: o Dono do Corpo, uma outra maneira de dizer Exu<sup>14</sup>; os Bantos o chamam de *Aluvaiá*, os *Fons* como *Legbá* (SIMAS, 2013); que vamos subvertendo o estabelecido, abrindo a porta para o novo no mundo. Pois Exu expressa um simbolismo, cujo sentido se encontra não apenas na estrutura do imaginário, como na do real (TRINDADE, 1981, p.3).

---

<sup>12</sup>Segundo Canclini, (1997) há quem prefira utilizar sincretismo quando se trata das questões da religião, mestiçagem, tratando de história e antropologia, e para os processos musicais o termo fusão.

<sup>13</sup>Samba Enredo da Mangueira, Escola de Samba do Rio de Janeiro, campeã do Carnaval de 2019. O samba é de autoria de Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie Oliveira / Tomaz Miranda.

<sup>14</sup>Denominação empregada pelos Yorubás para designar o Órixá que corporifica o princípio da dinamicidade e das trocas (SODRÉ, 1998).

[...]Expressa simbolicamente as incertezas humanas frente aos debates com as condições sociais estabelecidas, a afirmação de liberdade e autonomia do ser humano frente às imposições naturais e sociais. Os mitos africanos falam da desobediência de Exu às Ordens de Olorum, deus supremo. Ele persuade a Lua e o Sol a trocarem seus domínios, mudando assim a ordem das coisas. [...] é a encarnação do desafio, da vontade e da irreverência. Permite aos homens a possibilidade da autodeterminação, de quebra das interdições sociais que limitam a sua liberdade[...]enquanto princípio da existência individualizada introduz a a diferenciação, a noção de autonomia e ação possível entre os sistemas estruturados e como princípio genérico da dinâmica social é representante da mudança ainda não realizada(TRINDADE, 1981, p.3).

Portanto, o samba, para nós e entre nós, antes mesmo de ser fenômeno “agendado” pela Indústria da Consciência, se apresenta e se representa como símbolo de dinâmicas que podem até ser reprimidas, recalcadas mas, jamais serão contidas. Discutir com Madame é parte de um processo de auto desvelamento e fluxo, jamais o fim. Discutir com Madame é abrir a porta para a mobilização de “sentimentos políticos” (CERQUEIRA FILHO, 2005) que ultrapassem a via do autoritarismo, que resista à tentação sádica de “ser senhor”; que encontre no exercício dessa travessia o espaço propício para criarmos territórios de afeto, uma pedagogia do comum, de muitas encruzilhadas, para além das diferenças.

*Laroyê Exu!*

Pra Que Discutir Com Madame  
(Janet de Almeida/Haroldo Barbosa)

Madame diz que a raça não melhora  
Que a vida piora por causa do samba  
Madame diz o que samba tem pecado  
Que o samba, coitado, devia acabar  
Madame diz que o samba tem cachaça  
Mistura de raça, mistura de cor  
Madame diz que o samba democrata  
É música barata sem nenhum valor

Vamos acabar com o samba  
Madame não gosta que ninguém sambe  
Vive dizendo que samba é vexame  
Pra quê discutir com madame?

Vamos acabar com o samba  
Madame não gosta que ninguém sambe

Vive dizendo que samba é vexame  
Pra quê discutir com madame?

No carnaval que vem também concorro  
Meu bloco de morro vai cantar ópera  
E na Avenida, entre mil apertos  
Vocês vão ver gente cantando concerto  
Madame tem um parafuso a menos  
Só fala veneno, meu Deus, que horror  
O samba brasileiro democrata  
Brasileiro na batata é que tem valor

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Paz e Terra, 2002, p. 1–70.

\_\_\_\_\_. **Notas de literatura I: O ensaio como forma**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1991.

AMARAL, Euclides. **A letra & a poesia na música popular brasileira (semelhanças & diferenças)**. Rio de Janeiro: E. Amaral da Silva, 2019.

ANZALDÚA, Glória. La consciência de lamestiza – rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

\_\_\_\_\_. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**, nº 39, p. 297-309, 2009.

BÂ, A. H. **Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. ed. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2010. p. 181 a 218.

BRAZ, Marcelo [org]. LIMA, A. Samba, história e a questão racial e social. In: **Samba, Cultura e sociedade**. 1a ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013. p. 95 a 119.

CANCLINI, Nestor. “Introdução”. In: **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, Edusp. 1997.

CERQUEIRA FILHO, G. **Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento**. São Paulo: Editora Escuta, 2005.

DA COSTA, L.B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV – Santa Maria** – vol. 7, n.2, p. 66-77 – mai./ago.2014.

DAMASCENO, Janaína. In: **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote. Florianópolis, de 25 a 28 de Agosto, 2008.

DE JESUS, T. V. **Constitucionalidade da Política de Drogas: A dimensão social e o Direito.** Rio de Janeiro: Monografia (Graduação em Direito) – UERJ, 2014.

ENZENSBERGER, H. M. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France,** pronunciada em 2 de dezembro de 1970 / Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. --24. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOMES, L. **1889:** como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da República no Brasil. 1. ed. ed. São Paulo: Editora Globo S.A., 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** [Org. Artur Itaussu] – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KASTRUP, Virgínia, LOPES, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.,** v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Agosto. 2013

KI-ZERBO, E. J. **Metodologia e pré-história da África.** 2.ed. rev. ed. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2010.

LOPES, N. **Bantos, malês e identidade negra.** 1 a ed. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária LTDA., 1988.

LOPES, Nei e SIMAS, L. A. **Dicionário da História Social do Samba.** 1 a ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

LOPES, N. **Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos.** Rio de Janeiro: Dantes Editora/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

MARIANO, Antonio Carlos. **O samba no Rio de Janeiro:** fragmentos e instantâneos de uma apropriação simbólica – Rio de Janeiro: FACHA, 2016.

NEDER, Gizlene. **Cidade, Identidade e Exclusão Social.** Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3. 1997, pp.106-134.

PEREIRA, Amauri Mendes. [org.] CARMICHAEL, Stokely. **O poder negro.** Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: Lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas miudinhas:** ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo.** 2.ed. ed. Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda., 1998.

TRINDADE, Liana M. Salvia. Exu: Poder e Magia In: **Olóòrìsà**: Escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo: Ágora, 1981. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y33keW-D8wk>>. Acesso em: 07/10/2019.

VIANNA, H. [PREFÁCIO DE SÉRGIO CABRAL]. **O mistério do samba**. 2.ed. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012.

ANTONIO CARLOS MARIANO

Cantor, compositor e mestrando na Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Artes e Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades.